
Editorial

O método clínico: dimensão pática e a experiência clínica

Henrique Figueiredo Carneiro

A vivência da dimensão *pática* é um tema de grande relevância quando pensamos o lugar que ocupamos no espaço clínico. De grande relevância porque nos traz a possibilidade de repensar – durante o processo analítico – os diversos níveis de perdas que o analista registra no decorrer de sua clínica. Da perda da palavra à perda de intervenção, do silêncio ativo e pontual ao excesso de significantes sem ordenação lógica, o analista suporta a dor de escutar por um ato de escolha, por uma posição de suporte à angústia que atravessa constantemente a sua prática.

Este *exercício* se distingue de um *ofício*, pela posição que o analista ocupa: o exercício de um *suporte* para quem o procura, ao invés de *aporte* entanto um porto seguro. Uma escolha que prima pela experiência, não pelo privilégio de ser analista, mas, pela angústia atravessada durante anos e que possibilitou a construção de sentidos extraídos dos interstícios de narrativas que giram em torno do impossível. O *pático* gira em torno desse impossível.

A dimensão *pática* é posta na cena analítica via experiência e serve como motor da posição da escuta. É pertinente por atualizar o método clínico e abre perspectivas na renovação da

prática analítica, sempre que o analista é chamado à cena para suportar uma passagem pautada na angústia e para tornar-se parte de um sintoma analisável. O método clínico evoca este exercício. E por isso não se confundem com um ofício.

É esta uma chave para podermos pensar os trabalhos deste número do LAJFP. As experiências que se constituem em cada cena analítica, as leituras que se tornam possíveis a partir da inserção do sujeito no laço social, enfim, as respostas que podem ser construídas diante do que está posto na via do discurso, do instituído e do espaço transgressor.

O *Método clínico* fala de uma posição diante do *páthico*. Um *páthico* que reclama um discurso. Um discurso que recobre um ato. Um ato que se torna analítico sempre que um analista é posto em exercício.

Convocamos a comunidade psicanalítica a uma reflexão sobre este exercício em cada trabalho que apresentamos neste número:

- A partir da hiperatividade pensada tanto do ponto de vista do sujeito quanto pela ótica do mal-estar da cultura contemporânea. A experiência com esta realidade pode lançar luzes sobre a perspectiva de um diagnóstico que inclui subjetividade e ato;
- Na aplicação de recursos do jogo ativo utilizado como um elemento clínico-pedagógico básico e primário no tratamento de crianças que apresentem paralisia cerebral leve, espaço que se constitui magistralmente como um recorte da ordem da experiência;
- No lugar da dor vivida pelo analista, em função da posição ocupada que o evoca a uma produção de sentido para a dimensão trágica, articulando escuta e outras perspectivas da ordem simbólica como a escrita, até produzir a experiência da narrativa de um caso diante dos pares;
- No diálogo necessário para circulação de conhecimento da nossa época quando se trabalha indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil e a possibilidade de prever ameaças na constituição subjetiva de crianças de 0 a 18 meses;
- Quando é trabalhada a distinção entre o discurso neurótico e o discurso psicótico, e, as relações entre imaginário e simbólico, alimentando a psicopatologia com estruturas lógicas e discursivas utilizadas pela Matemática, Antropologia e a Lingüística;
- Ao propor a importância de qualificar a dimensão estética que repousa nos signos da vida autística e com isso fundamentar a trama psíquica a partir do conceito de pulsão;
- Quando se constata que a desconfiança mútua entre os territórios da favela e do asfalto *serve como* fator de restrição da circulação pela cidade e tem grande influência nas formações subjetivas;

Com esta referência feita à dimensão *páthica* tomada pela experiência analítica, destacamos a importância de uma constante discussão e atualização entre teoria e prática. A clínica, seu método e a psicanálise em extensão mais do que nunca são chamados a uma tomada de posição.

Para consolidar esta prática, a Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental convida a comunidade psicanalítica, aos profissionais da psicopatologia e a todos os interessados na dimensão *páthica*, para juntos discutirmos estas questões cruciais relativas ao sofrimento psíquico, no Colóquio Internacional sobre Método Clínico, a ser realizado na cidade de São Paulo, no período de 4 a 7 de setembro de 2009.

As informações sobre o Colóquio podem ser obtidas pelo endereço:

<http://www.fundamentalpsychopathology.org/?s=116&c=599>

Até lá!

Henrique Figueiredo Carneiro
Editor e Organizador